

MÃES DO DESERTO: UMA HISTÓRIA APAGADA

Mothers of the Desert: a story erased¹

Lidice Meyer Pinto Ribeiro

Resumo:

Com o final das perseguições e a aceitação do cristianismo como religião pelo Império Romano no século IV, a igreja passou por muitas transformações. Uma das consequências foi o início de um movimento em direção aos desertos em busca de uma vida mais próxima à igreja primitiva. Surgiram os Pais e Mães do Deserto. Apesar da análise das fontes primárias registrar a presença e a importância social e espiritual das Mães do Deserto de forma tão ou mais forte que a dos Pais do Deserto, os livros de história da igreja privilegiam estes em detrimento àquelas. Levantam-se diversas hipóteses sobre as razões do progressivo apagamento das Mães do Deserto na história do cristianismo concluindo-se que em alguns casos mais de uma causa pode ter agido em paralelo em prol da supervalorização dos atos e ensinamentos masculinos da espiritualidade dos desertos.

Palavras-chave: mães do deserto; espiritualidade; história do cristianismo.

97

Abstract:

With the end of the persecutions and the acceptance of Christianity as a religion by the Roman Empire in the 4th century, the church underwent many transformations. One consequence was the beginning of a movement towards the deserts in search of a life closer to the early church. The Desert Fathers and Mothers emerged. Although analysis of primary sources records the presence and social and spiritual importance of the Desert Mothers as strongly as, or even more strongly than, that of the Desert Fathers, church history books privilege the latter over the former. Several hypotheses are raised about the reasons for the progressive erasure of the Desert Mothers in the history of Christianity, concluding that in some cases more than one cause may have acted in parallel in favor of the overvaluation of masculine acts and teachings of desert spirituality.

Key-words: desert mothers; spirituality; history of Christianity.

¹ Doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo, Brasil, Docente no Mestrado em Ciência das Religiões da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Introdução

O que faria se todo o cristianismo que conheceu e a que se dedicou até mesmo correndo perigo de morte estivesse ameaçado de deixar de existir? Foi o que aconteceu no século IV quando a igreja se associou ao mundo romano tornando o cristianismo religião oficial do Império. O cristianismo que havia nascido entre pessoas simples, agora fazia parte das rotinas dos palácios. As reuniões, outrora escondidas em catacumbas ou nas casas dos fiéis, passaram a acontecer publicamente em grandes basílicas ornamentadas com todo o tipo de riquezas. Os cristãos, que antes eram perseguidos pela sua fé, agora eram convidados a assumir altos postos no governo. A liderança das comunidades que inicialmente era igualitária, com o reconhecimento de homens e mulheres sob o carisma do Espírito Santo, foi se tornando aos poucos cada vez mais masculina e hierarquizada nos moldes do senado romano. Por fim, a própria administração doutrinária da Igreja foi submetida ao Imperador que passou a convocar e presidir os Concílios Ecumênicos.

98

Alguns cristãos viram o cristianismo comprometido, com risco de perder o caráter profético e tornar-se secularizado pelo excesso de intelectualismo e pouco compromisso com a defesa da fé pessoal. Em meio a este cenário de grandes transformações para o cristianismo um grande grupo de mulheres e homens decidiram permanecer fiéis às suas convicções e práticas originais. Eles deixaram tudo: bens, casas, famílias e se dirigiram aos desertos em busca de uma vida espiritual mais próxima aos primórdios do cristianismo. Foi o nascimento de uma espiritualidade dos desertos.

No fundo, a ida massiva para os desertos contém um protesto silencioso e heroico contra o relaxamento dos cristãos, pois à medida que cresce o número de fiéis, diminui o fervor religioso da comunidade, o que foi favorecido pela liberdade de culto, promovida pelo Império Romano. (OLANETA, 2006, p.8-9)

Assim como nos séculos anteriores o cristianismo foi marcado pela disposição dos fiéis ao martírio em defesa de sua fé pessoal, o século IV testemunhou o surgimento de um novo tipo de martírio, que ficou conhecido como “martírio branco” em oposição ao “martírio de sangue” (PEDRÓS, 2003, p.217). Homens e mulheres, descontentes com os caminhos do cristianismo romano deixaram tudo o que possuíam e se voltaram para dedicar-se à uma vida de ascese em busca de uma maior proximidade com Deus. “À medida que o cristianismo se tornou popular, o movimento em direção ao deserto e à vida monástica aumentou.” (SWAN,2001, p.10)



Relatos históricos da época dizem que seu número de mulheres que se dedicaram a este tipo de vida ultrapassa ao dos homens. O historiador Paládio registrou na História Lausíaca em 418 a existência de um total de 2975 mulheres vivendo nos desertos da Síria, Egito e Palestina. Solitárias ou em pequenos grupos, no desejo de ser e viver como Cristo, estas mulheres partiram em uma jornada espiritual pessoal vivendo uma vida de ascese, em oração, jejum,

pobreza voluntária, privações, silêncio e estudo. Não havendo mais as perseguições religiosas impetradas pelo império romano, “o canto dos mártires é substituído pelo silêncio e duros combates contra as paixões.” (OLANETA, 2006, p.8)

Mulheres e homens, dentre os quais bispos e monges, as buscavam para orientação espiritual. Seu exemplo fez com que muitos as seguissem adotando seu estilo de vida, inclusive homens. Devido a toda a sua sabedoria e espiritualidade foram chamadas de ammas, ou mães. São, portanto, Mães do Deserto. Seus ensinamentos eram transmitidos oralmente e foram preservados por discípulos e discípulas. Poucos dos registros que chegaram até nossos dias são contemporâneos a elas. Seus ensinamentos orais sobreviveram em forma de apotegmas: sentenças breves com objetivo de enunciar um conteúdo de natureza moral e espiritual de forma sintética e eficaz.

Mas, apesar de toda a repercussão que seus ensinamentos de vida tiveram nos primeiros séculos, hoje elas estão ausentes da maioria dos livros e estudos teológicos do período focados apenas nos chamados pais do deserto.

Revisão crítica de literatura

O termo “Mães do Deserto” surgiu como um protesto pela ausência de registros dos ensinamentos destas mulheres. Em 1980, Margot H. King o utilizou em duas palestras na Abadia Beneditina de São Pedro em Muenster, Alemanha e no St. Benedict's Center em Madison, Wisconsin, EUA. Ela desabafou:

Minha escolha do termo "Mães do Deserto" teve sua origem em uma tentativa levemente irreverente de compensar a visão involuntariamente míope dos historiadores monásticos que, ao que parece, viam o deserto egípcio como sendo povoado apenas por homens e, portanto, toda a história do monasticismo como sendo primariamente um fenômeno masculino. Se Paulo e Antônio e seus imitadores egípcios são chamados Pais, por que não aplicar seu equivalente feminino, Mães, a Sara, Sinclética e outras? Descobri então que, assim como Antônio era chamado de abba (pai), Sara também era chamada de amma (mãe) e, juntamente com Sinclética é uma das poucas mulheres cujos ditos estão incluídos nos Ensinamentos

dos Pais. Quando, no entanto, descobri que tanto Sara quanto Sinclética eram consideradas precursoras da vida solitária no Ancrene Riwe, uma regra inglesa para anacoretas que foi escrita no século XII ou XIII, percebi que minha aparente irreverência tinha uma base sólida de fatos. (KING, 1983, p.13)

Margot King apenas chamou-nos à atenção sobre o que já era reconhecido amplamente nos séculos IV e V: estas mulheres eram reconhecidas como ammas (mães) espirituais sendo assim referidas pelos Abas (Pais) dos Desertos, seus irmãos e admiradores. No texto grego do *Apophthegmata Patrum* (Ditos dos Pais do Deserto), datado do final do século V ao início do século VI, podem ser encontrados 46 apotegmas reconhecidamente oriundos de Mães do Deserto. O *Apothegmata Patrum* é uma coletânea organizada alfabeticamente os ditos de Abbas e Ammas preservados por discípulos e posteriormente compilados para uso nos mosteiros, principalmente como leitura durante a refeição comunal contribuindo para a formação do grupo ao propor temas de reflexão (GUY, 1991, p.13). Nele encontramos 10 apotegmas de Amma Teodora de Alexandria, 9 apotegmas de Amma Sara do Deserto e 27 apotegmas de Amma Sinclética em meio aos apotegmas de 128 Abbas. Os Apotegmas das Mães do Deserto são frases, conselhos e sentenças contendo exemplos de vida, caminho para a progressão na vida espiritual e estímulos para enfrentar o combate contra o demônio. Seus ensinamentos principalmente se voltam para a prática da humildade, a vigilância e a prática da caridade.

Além do *Apothegmata Patrum*, traduzido por Ward (1975), as fontes primárias ao estudo dos ensinamentos das Mães do Deserto são: *Vitae Patrum* (coletânea hagiográfica de textos dos séculos IV a VII); do século IV: a Peregrinação de Egéria e Vita Macrinae de Gregório de Nissa; do século V: História Lausiaca de Paládio; História dos Monges do Egito de Rufino; História dos Monges de Teodoreto de Ciro; Instituições Cenobíticas de João Cassiano;

História Eclesiástica de Sozômeno e A vida de Santa Sincretica, de autoria anônima.

Nestas fontes primárias podemos encontrar um pouco mais de 20 Mães do Deserto nomeadas e mais de 2000 mulheres anônimas vivendo coletivamente em cenóbios ou mosteiros sob a liderança de uma amma, durante os séculos IV e V. Nestes textos temos alguns detalhes de sua vida, ensinamentos e repercussão na sociedade.

Além de Margot King (1983, 1985), outras pesquisadoras já se debruçaram sobre a pesquisa histórica e teológica dos ensinamentos das Mães do Deserto. Essencial é o trabalho da freira anglicana Benedicta Ward (1975, 1984, 1987). Ela não só fez a primeira tradução do *Apothegmata Patrum* do grego para o inglês, revelando ao mundo os apotegmas de Teodora, Sara e Sinclética como publicou sobre a vida de 4 ammas penitentes: Maria Egípcíaca, Pelágia, Thais e Maria, sobrinha de Abraão, demonstrando como o tema do arrependimento foi muitas vezes associado às mulheres que se dirigiram aos desertos.

102

A historiadora Joan M. Petersen (1996) registrou as práticas ascéticas eremíticas e cenobíticas de diversas mulheres nos 6 primeiros séculos, destacando o papel de Macrina na criação do monasticismo feminino. Abordou também a vida de mulheres que não se dirigiram aos desertos, mas praticaram a ascese doméstica em Roma como Marcela, Asela, Príncípa, Paula, Estóquia e algumas mulheres que exerceram papéis de destaque na liderança de mosteiros no Médio Oriente, como Paula a jovem e Melânia a velha e Melânia a Jovem.

A freira beneditina e historiadora Laura Swan (2001) foca seu livro no contexto histórico do movimento aos desertos e nas histórias e ensinamentos das Mães do Deserto com aplicações espirituais para o leitor. O texto de Swan representa a coletânea de Mães do Deserto mais completa, sendo imprescindível ao estudo do tema. Patrícia Miller (2005), historiadora, revela a partir da tradução de obras em grego os ensinamentos de algumas das Mães do

Deserto e sua importância para a igreja, com destaque para: Macrina, Melânia a velha, Melânia a jovem, Pelágia, Teodora, Sara e Sinclética.

Na mesma linha de Swan, a pastora episcopal Mary Earle (2007) após uma breve introdução sobre as Mães do Deserto aprofunda o estudo de 9 apotegmas de Teodora, Sara, Sinclética e Matrona.

Por fim, mostra-se também extremamente relevante para o estudo das Mães do Deserto o primeiro volume da trilogia da monja cisterciense Sira Carrasquer Pedrós (2003) voltado para as mães do oriente do século I-VII, no qual traz uma pesquisa extremamente fundamentada sobre as vidas de mais de 20 ammas do deserto.

A importância das mães do deserto para a História da Igreja

Desde o século I, o cristianismo foi vivenciado pelas mulheres como uma forma libertadora de muitos estigmas sociais. Os ensinamentos do apóstolo Paulo² permitiram que não houvesse nenhum constrangimento para aquelas que não desejassem um casamento e para as que desejavam permanecer no estado de viuvez. Já que a legislação romana permitia que as mulheres herdassem patrimônio e o administrassem, a possibilidade de não se colocar sob o domínio masculino tornava-se cada vez mais atraente para muitas mulheres cristãs (MEYER, 2025, p. 134). A formação e atuação da Ordem das Viúvas e Virgens na Igreja Primitiva demonstra a força que esta possibilidade abria para as mulheres. Estas não só sustentavam financeiramente missionários como eram patronas de igrejas, muitas das quais hospedadas em suas casas³. Estas mulheres,

² O apóstolo Paulo incentiva os solteiros e viúvas a permanecerem sem se casar, mantendo a castidade: “Aos solteiros e às viúvas digo que é bom para eles ficarem como eu.” (Bíblia, 1 Coríntios 7.8); “Quem não tem esposa, cuida das coisas do Senhor, como há-de agradar ao Senhor.” (Bíblia, 1 Coríntios 7.32). Estes textos foram desde o início percebidos pelas mulheres tendo a valorização da virgindade como uma forma de desprendimento que permitia a livre dedicação sem impedimentos ao serviço de Deus.

³ Recentemente foi descoberta uma igreja cristã em Israel na região de Megido, datada do século III, onde visualiza-se um chão em mosaico marcando o local principal do culto onde se localizava a mesa da comunhão. No mosaico há o registro do nome de 7 pessoas, sendo 5 mulheres. Esta evidência arqueológica que marca o

bem diferentes do conceito de viúvas do Antigo Testamento, possuíam independência financeira e atuavam na liderança da igreja como a contraparte feminina dos presbíteros sendo os termos utilizados para elas tanto na Bíblia⁴ como em textos dos Pais da Igreja⁵: *presbytis*, *presbutis*, *presbytera*. O diaconato feminino exercido em parceria com o diaconato masculino⁶ abria a possibilidade para que as mulheres cristãs tivessem não só liderança reconhecida nas igrejas locais como mobilidade física pois essas recebiam como funções o ensino, participar nos rituais eucarísticos e de batismo, visitação de doentes como também o transporte de cartas⁷.

As transformações ocorridas na igreja a partir do século IV foram paulatinamente modificando a situação da mulher no cristianismo. A mudança do local de culto das casas e catacumbas para locais públicos exigiu uma transformação na liderança que passou a ser estritamente masculina. As mulheres pertencentes à Ordem das Viúvas e Virgens, antes vistas como cooperadoras, passaram a ser consideradas uma ameaça à autoridade masculina na Igreja. Com o monopólio da Palavra se concentrando nos Bispos e Presbíteros, homens, as viúvas e virgens passaram a ser subordinadas aos

local mais antigo de culto cristão reconhecido em Israel é uma evidência da importância feminina para esta igreja. (DUKE, 2024)

⁴ “As presbíteras (*presbytis*) ... mestras da virtude,, a fim de ensinarem às jovens...” (Bíblia, Tito 2.3)

⁵ Inácio de Antioquia (séc. I) escreve na Carta à Igreja de Esmirna: “As virgens que são chamadas de viúvas” (Carta à Igreja de Esmirna 13.1); Clemente I (Séc. I) escreve: “Saudações às famílias de meus irmãos, juntamente com suas mulheres e filhos, e às virgens associadas às viúvas.” (Clemente II.13.1); Policarpo (séc. II) chama as viúvas de “altar de Deus” e trata das diaconisas em paralelo aos diaconos (Carta aos Filipenses 5.2,3; 9); Tertuliano (séc. II) reclama de uma virgem de 19 anos admitida na ordem das viúvas que não usava o véu, que ele considerava um símbolo de submissão (Sobre o Véu das Virgens 9.4); No texto “Pastor de Hermas” (séc. II), Hermas é instruído por uma *presbytis*; Dionísio de Alexandria (séc. III) escreveu sobre Apolônia e Mercúria como *presbytides* com funções de diaconisa (Eusébio de Cesaréia, História Eclesiástica, I, vi, 41).

⁶ Bíblia, 1 Timóteo 3.8-13: “os diaconos devem ser ...As mulheres que servem na igreja devem ser igualmente...”

Cabe ressaltar que os Pais da Igreja João Crisóstomo, Teodoro de Mopsuéstia, Jerônimo e Epifânio consideravam que o texto de 1 Timóteo 3.8-13 se dirigia aos diaconos homens e mulheres.

⁷ Funções registadas nas Constituições Apostólicas, documento eclesial do século IV.

presbíteros e a exercer a função de diaconisas⁸, até que ao final do século IV a ordem deixou de existir na Igreja Ocidental⁹.

Por outro lado, as diaconisas continuaram a ser muito atuantes assumindo inclusive a função de sustento financeiro e espiritual de muitos dos Pais da Igreja. São muitas as diaconisas citadas nos textos patrísticos dos séculos IV e V. A diaconisa Olímpia, que algumas autoras (SWAN, 2001; ALMEIDA, 2021) classificam entre as Mães do Deserto, sustentou e auxiliou espiritualmente hierarcas constantinopolitanos como Anfilóquio de Icônio, Onésimo do Ponto, Gregório de Nazianzo, Pedro de Sebaste e Epifânio de Chipre. A correspondência entre o arcebispo de Constantinopla João Crisóstomo com as diaconisas Olímpia e Amproukla são conhecidas, nas quais o bispo agradeceu o apoio destas diaconisas quando estava no exílio revelando ainda a existência de 40 diaconisas na Basílica de Santa Sophia. A carta de Jerônimo à diaconisa Salvina também reflete a importância espiritual das diaconisas na vida dos pais da Igreja. Foi no século V que passou a ser exigida a castidade para as viúvas e a virgindade para as jovens que fossem ordenadas diaconisas¹⁰. A partir de então, as diaconisas casadas deviam separar-se de seus esposos e viver em continência. A virgindade e a continência sexual femininas passaram a ser cada vez mais estimuladas e valorizadas, o que pode ser observado nos textos patrísticos do século IV onde encontramos 38 tratados que enfatizam a virgindade feminina.

À medida que a virgindade era glorificada como forma de santidade, juntamente com uma vida cada vez mais resguardada das vaidades e atrativos mundanos, foi se abrindo espaço para o desenvolvimento do monaquismo feminino (OLANETA, 2006, p. 24). Se na Igreja Católica Romana recém-

⁸ Funções registadas nas Constituições Apostólicas, documento eclesial do século IV.

⁹ O cânon 11 do Concílio de Laodiceia (363-364) diz: “Presbíteras (*presbytides*), como são chamadas, ou presidentes mulheres (*prokathemenai*), não devem ser nomeadas na Igreja.” SCHAFF, Phillip (editor). s.d., p.353-355.

¹⁰ O diaconato feminino permaneceu ativo na Igreja Ocidental até o século XIII, quando foi proibida a ordenação e/ou consagração de diaconisas.

formada não havia mais espaço para a liderança e atuação feminina, o deserto se mostrava como um campo aberto e receptivo. “À medida que as oportunidades de liderança no cristianismo diminuíram, o deserto e o monastério ofereciam a mulher um senso maior de autonomia física e espiritual.” (SWAN, 2001, p.10) Nos desertos, vivendo de forma simples, mas ricamente espiritual, as mulheres não se submeteram a ninguém além de Deus e atraíram muitos, homens e mulheres, pelos seus ensinamentos práticos e profundos. João Crisóstomo descreveu o movimento feminino rumo aos desertos do Egito no século IV dando destaque à presença de virgens entre as eremitas:

E agora, se chegar ao deserto do Egito, verá este deserto tornar-se melhor do que qualquer paraíso, e dez mil coros de anjos em formas humanas, e nações de mártires, e **grupos de virgens**, e toda a tirania do diabo derrubada, enquanto o reino de Cristo brilha no seu esplendor. [...] E estas regras podem ser encontradas em vigor não só entre os homens, mas também na natureza das **mulheres. Sim, elas, não menos do que os homens, praticam esta busca da sabedoria**, não pegando em escudos nem montando cavalos, como orientam os graves legisladores e filósofos gregos, mas empreendem outra luta muito mais severa. **Pois a guerra contra o diabo e os seus poderes é comum a elas e aos homens**, e em nenhum aspecto a delicadeza da sua natureza se torna um impedimento em tais conflitos, pois não é pela constituição física, mas pela escolha mental, que estas lutas são decididas. Por isso, **em muitos casos, as mulheres lutaram melhor que os homens e conquistaram troféus mais esplêndidos.** (CRISÓSTOMO, Homilia Evangelho de Mateus 8.6)

As Mães do Deserto compreendiam que tanto homens como mulheres, cheios do Espírito Santo, eram capacitados para resistir às tentações na aridez do deserto. Amma Sara certa vez respondeu a dois anciãos de Pelúcio que vieram desafiá-la a confessar-se orgulhosa por ser procurada para conselhos até por monges anacoretas, ao que Sara respondeu: “Quanto à natureza, sou mulher, mas não em espírito, que não tem sexo.” Esta mesma visão a respeito da igualdade entre os gêneros na espiritualidade do deserto pode ser vista quando em outra ocasião, Sara disse a alguns monges: “A virilidade e a força de

espírito não são próprias de um sexo em particular, mas são herança do espírito que não tem sexo.” (WARD, 1984, p.229) A igualdade entre os gêneros também se manifestava nos desertos nas roupas utilizadas por ambos, sempre um uma túnica longa escura de tecido rústico. As mulheres escondiam ou cortavam os cabelos como forma de minimizar sua sexualidade na prática do ascetismo, o que também as protegia de possíveis estupros e assaltos no deserto, sendo tomadas por eunucos (SWAN, 2001, p.10).

O século IV foi o período em que mais se produziu tratados sobre a mulher e a virgindade. Esta é a razão pela qual nos relatos das vidas das Mães dos Desertos a virgindade e a castidade são sempre referidas como uma das principais características da ascese feminina. Cabe ressaltar que os textos hagiográficos, como a Legenda Áurea, são escritos por homens ressaltando e propagando a visão masculina sobre a espiritualidade feminina. Muitos dos apotegmas das Mães do Deserto que foram preservados se referem às lutas enfrentadas na manutenção da castidade o que leva ao questionamento se não houve também uma seleção na escolha dos apotegmas a serem preservados. É também digno de nota a quantidade de relatos hagiográficos sobre mulheres que deixaram uma vida de prostituição¹¹ ou adultério para buscar a penitência e a castidade nos desertos, tornando-se também referenciais espirituais¹².

Como exemplo, entre os apotegmas de Amma Matrona encontramos uma história acerca das lutas enfrentadas pelas monjas-discípulas em relação à castidade:

Outra vez, uma monja abordou Amma Matrona e lhe perguntou: “O que devo fazer quando sou distraída por pensamentos de luxúria?” Ela respondeu: “Perdoe-me. Eu nunca fui atacada pelo demônio da luxúria.” Tudo isto está para além da nossa natureza.” A monja, descontente e desiludida, foi embora sem se despedir.

¹¹ Benedicta Ward (1987) se refere a estas mães como “prostitutas do deserto”. Eu prefiro chamá-las de mães penitentes.

¹² Para motivo de estudo, divido as mães do deserto em quatro categorias: eremitas, penitentes, peregrinas, e, teólogas e diaconisas (juntamente), sendo as duas primeiras as que melhor representam a vida de solidão e ascetismo praticadas nos desertos da Palestina, Síria e Egito. Este artigo concentra-se principalmente nas ammas eremitas e penitentes.

Depois, foi até Amma Theodora, explicou suas preocupações e disse; “Amma Matrona respondeu às minhas angústias dizendo que tudo está para além de nossa natureza.” Teodora lhe disse: “Amma Matrona não lhe disse isso levianamente; vá e peça que ela explique o significado de suas palavras.” Voltando para onde estava Matrona, a monja se desculpou: “A culpa é minha pois tenho transgredido a regra monástica. Mas peço-te, explica-me por que nunca foste tentada pelo demônio da luxúria?” Matrona respondeu sorrindo: “Também devo pedir-te perdão. Desde o momento que fiz os votos solenes, nunca comi pão até à saciedade, nem usei água suficiente; o mesmo com o sono. E assim, o cuidado desses três desejos me oprimia, não me permitindo pensar na batalha da luxúria.” (OLANETA, 2006, p.95-96)

A prática da ascese era vista como a forma de controlo do corpo contra desejos mundanos e de preparo para a dedicação exclusiva à oração e ao estudo dos textos sagrados. Paládio regista ter encontrado em Antinoé, no Egito, 12 mosteiros femininos, sendo um deles administrado pela Amma Talis, que praticava o ascetismo já há 80 anos. Ele relata: “Com ela moravam sessenta jovens mulheres que a amavam tanto que nenhuma chave sequer era fixada na parede externa do mosteiro, como em outros mosteiros, mas permaneciam por amor a ela.” (PALÁDIO. História Lausiaca, cap. LIX)

O monaquismo feminino cristão assumiu duas formas: a vida em comunidades cenobíticas ou a vida solitária eremítica. As comunidades se formavam com pequenas celas erguidas ao redor da cela de uma amma. Muitas vezes, após um período, a amma deixava a comunidade sob os cuidados de uma discípula e buscava novamente a vida solitária até que se formasse mais uma vez um cenóbio ao seu redor. As ammas que buscavam a solidão nos desertos, frequentemente se instalavam em cavernas, túmulos familiares ou celas pequeninas com apenas uma abertura por onde se comunicavam. No início do século V, o historiador Teodoreto de Ciro testemunhou a grande quantidade de mulheres a viverem nos desertos nas duas formas monásticas ressaltando a força e determinação destas mulheres como sendo um fator de igualdade de gêneros no cristianismo:

“São muitas; Umas abraçaram a vida completamente solitária, outras vivem em grupos de até duzentas e cinquenta pessoas, todas comendo a mesma comida, dormindo em esteiras, trabalhando com as próprias mãos fiando lã e com suas línguas, cantando louvores a Deus. Não só na nossa província, mas também na Síria, Palestina, Egito, Ásia, Mesopotâmia e Ponto; [...] Já não há distinção entre as virtudes e as perfeições dos sexos, como diz o santo apóstolo, o homem não se distingue mais do que a mulher no que diz respeito ao que é verdadeiramente de Deus (Gálatas 3.28¹³).” (TEODORETO DE CIRO, História dos Monges, cap.XXX.5)

Dentre as muitas ammas, Macrina é considerada como precursora do ascetismo no deserto da Turquia, onde fundou um mosteiro feminino em Annesi. Macrina viveu uma vida de estrito ascetismo, dedicando-se à meditação, às orações e à caridade, tendo também criado seus irmãos após a morte dos pais. Escreveu a primeira regra monástica para as mulheres, texto que influenciou a regra de seu irmão, São Basílio, que, por sua vez, influenciou a regra de São Bento. Embora seja frequente encontrar livros que trazem São Basílio como o fundador da vida monástica, os escritos por São Gregório de Nissa¹⁴ sobre sua irmã deixam claro que São Basílio seguiu os ensinamentos de Macrina, tornando-se eremita, fundando mosteiros e escrevendo as regras da vida monástica da Igreja Ortodoxa. Sobre isto, o biógrafo e historiador Robert Payne afirmou: "Foi o início do monaquismo e Macrina foi sua verdadeira fundadora. As mulheres, não os homens, foram os primeiros monges." (PAYNE,1980, p.116). A importância de Macrina também pode ser medida pelo fato de ter sido a mestra religiosa de seus irmãos, dos quais três se tornaram bispos e pais da Capadócia, citados entre os maiores teólogos de sua época.

¹³ “Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem e mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus.” (Bíblia, Gálatas 3.28)

¹⁴ Gregório, bispo de Nissa, escreveu sobre sua irmã Macrina em dois tratados e uma carta a ela dirigida: “Vida de Macrina” e “Sobre a Alma e a Ressurreição”, “Carta 19”.

A maior quantidade de apotegmas femininos de que dispomos tem autoria atribuída à Sinclética, uma amma que viveu no século IV e da qual temos 27 apotegmas registados no *Apothegmata Patrum*. A influência teológica de Sinclética foi tanta que teve sua história registada em um livro de autor anônimo no século V: “Vida e Virtudes de Santa Sinclética”. Podemos observar sua sabedoria espiritual e o domínio dos textos sagrados no apotegma abaixo:

Ela também disse: É bom não ficar com raiva. Mas se isso acontecer, o apóstolo lembra que você não deve atrasar um único dia com essa paixão, porque ele diz: Não se ponha o sol. [Efésios 4.26] E você vai esperar até que todo o tempo dele acabe? Por que odiar o homem que te afligiu? Não foi ele quem cometeu a injustiça, mas o diabo. Odeia a doença, mas não o doente. (WARD, 1984, p.234)

Amma Sara, de quem se conhece 10 apotegmas, é considerada junto com Sinclética como precursora da vida solitária na regra inglesa das mulheres eremitas do século XIII¹⁵, e Teodora, é reconhecida pelos seus conhecimentos teológicos tendo sido conselheira do bispo Teófilo de Alexandria.

110

Assim como Macrina é a fundadora do monasticismo feminino na Turquia, foi Amma Maria, Irmã de Pacômio, que iniciou o cenobitismo feminino sob a regra pacomiana¹⁶ no Egito (DUNN, 2003, p.46). Maria construiu o monastério de Tismene onde as mulheres viviam em células independentes, mas formavam uma única vila, com cerca de 40 mulheres que se dedicavam à oração, estudo das Escrituras, trabalhos manuais e atuando como copistas. Foi graças ao seu trabalho que muitos textos da Igreja Oriental foram preservados (PEDRÓS, 2003, p.198-200). Segundo Paládio, no princípio do século V, as monjas que seguiram a regra pacomiana já eram mais de 400 no monastério de Panápolis (PALÁDIO, *Historia Lausiaca*, cap.XXXIII). Rufino

¹⁵ A regra para anacoretas ou Ancrene Riwe foi composta entre 1225 e 1240 provavelmente por um frade dominicano para a instrução de 3 jovens e suas servas nas quais estas eram instruídas a levar uma vida de caridade e reclusão tendo as mães do deserto como exemplo.

¹⁶ A Regra Pacomiana, instituída por São Pacômio no Egito (c. 318-323), é considerada como tendo institucionalizado o monacato cenobítico, baseando a vida monástica na vivência comunitária, trabalho manual e obediência. Esta regra organizava a rotina em torno da oração, refeições comuns e auto-suficiência, influenciando o monaquismo ocidental e oriental.

de Aquileia afirmou ter encontrado 20 mil virgens consagradas em Oxirinto: “...não se podia encontrar deserto ou cidade naquele país que não estivesse santificados pelas esposas de Cristo reunidas em cenóbios.” (RUFINO DE AQUILEIA, *Historia Monachorum*, c.5)

Os desertos da Síria foram a habitação de homens e mulheres que praticaram o ascetismo mais rigoroso. Teodoreto de Ciro relata sobre 3 mulheres: Domina, Marana e Cira. Estas duas últimas eram irmãs, viviam isoladas, com o corpo coberto por uma pesada túnica sob a qual traziam correntes pesadas na cintura, mãos e pés¹⁷. Ao redor de sua cela, surgiram outras construídas por discípulas que vinham aprender com elas. Teodoreto de Ciro impressionado com estas mulheres registou:

Depois de ter escrito os feitos de tão grandes figuras, devo falar também de **algumas mulheres que não só os igualaram, mas até os superaram** pelo seu trabalho e pelas suas lutas; tendo um corpo muito fraco, merecem mais elogios, porque tendo demonstrado tanta coragem como elas, elevaram-se acima da delicadeza do seu sexo. (TEODORETO DE CIRO. *História dos Monges*, cap.XXIX.)

111

Em contraste com as mães eremitas e cenobitas, das quais poucos apotegmas e informações chegaram até nós, observa-se um grande interesse na preservação das histórias relacionadas à ammas que decidiram viver nos desertos como forma de penitência após uma conversão de uma vida pecaminosa. No fim do século IV, o tema do arrependimento ganhou notoriedade e as histórias de personagens cuja vida se transformou a partir de seu arrependimento e conversão em uma vida de santidade heróica eram muito estimadas sendo divulgadas nos mosteiros para encorajamento e para mostrar

¹⁷ Recentemente um túmulo de uma mulher asceta enterrada com correntes foi descoberto perto de Jerusalém mostrando que a prática não se restringia ao deserto Sírio (Paula Kotli, David Morgenstern, Yossi Nagar, Corine Katina, Zubair 'Adawi, Kfir Arbiv, Elisabetta Boaretto, Sexing remains of a Byzantine ascetic burial using enamel proteomics, *Journal of Archaeological Science: Reports*, Volume 62, 2025, 104972, ISSN 2352-409X, <https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2025.104972>.)

o poder da ação de Deus. As histórias das mães penitentes, que pertencem a este tipo de literatura de conversão sendo representadas como prostitutas arrependidas, foram muito difundidas nos monastérios e entre as classes sociais mais altas na idade média.

Dentre estas histórias destaca-se a de Maria Egípcíaca que no imaginário popular foi associada à Maria Madalena. Isto causou muita confusão nas representações artísticas de Maria Madalena como prostituta arrependida, muitas vezes pintada nua e coberta apenas pelos cabelos, como Maria Egípcíaca é descrita em seu encontro com o monge Zózimo.

Mesmo tomando apenas estes poucos exemplos dentre as muitas Mães do Deserto, já se pode observar claramente a grande importância histórica que estas tiveram, seja na preservação da liderança feminina, na formação de mulheres e homens, ou como conselheiras espirituais de monges e líderes da igreja em seus primeiros passos antes de sua divisão em ocidental e oriental.

Embora vivessem vidas solitárias de oração e contemplação, essas mulheres exerceram uma profunda influência na sociedade, tanto política quanto espiritualmente. Elas aconselhavam os poderosos deste mundo e, apesar da censura oficial, atuavam como conselheiras espirituais e até mesmo como confessoras não oficiais para os leigos. (KING, 1983, p.12)

112

A influência das Mães do Deserto nas decisões dos concílios, nos documentos eclesiásticos e nos textos patrísticos nem sempre é percebida claramente, mas pode ser encontrada nas entrelinhas e nas ideias perpetuadas por muitos dos líderes eclesiásticos, homens.

O progressivo apagamento das Mães do Deserto

Sobre a importância das Mães do Deserto para o cristianismo o padre José Artulino Bensen destaca:

Muitos grandes Pais tiveram sua vocação e formação alimentadas pela sabedoria e santidade dessas mulheres, mulheres que depois os

animaram nos momentos de dificuldade ou perseguição, como Juliana de Cesaréia que em sua casa e biblioteca escondeu Orígenes; ou como a diaconisa Olímpia, fiel colaboradora de São João Crisóstomo em Constantinopla. Diversas receberam o título de diaconas, presbíteras e mesmo bispas. Muito conhecida a diaconisa Gorgônia de Nazianzo, irmã e orientadora do grande santo e teólogo Gregório Nazianzeno. Essas ammas rejeitaram o estilo de vida cristã que lhes era imposto pela sociedade cristã de então. Elas falavam com franqueza, abertamente, com coragem e firmeza ao denunciar publicamente o comportamento sacrílego ou arrogante de chefes religiosos ou leigos. (BENSEN, 2006, p. 6-8)

Tendo tal importância histórica, é sempre perturbador observar que a maioria dos livros de história do cristianismo nem sequer mencione as Mães do Deserto nos eventos dos séculos IV e V. Podemos apenas intuir alguns dos motivos para este progressivo apagamento juntamente com a construção de narrativas que privilegiam os Pais do Deserto no apelo ao ascetismo, na formação dos mosteiros e das regras monásticas.

O texto de Atanásio sobre a vida de Santo Antão é tradicionalmente apontado como tendo despertado vocações tanto masculinas como femininas para o ascetismo nos desertos e para conversões como a de Santo Agostinho. Embora Santo Antão seja visto por muitos como o pai do monasticismo, Atanásio relata que quando este partiu para o deserto após a morte de seus pais, no final do século III, teria deixado sua irmã aos cuidados de uma comunidade já existente de " virgens respeitadas e confiáveis ". Logo, já existiam mulheres praticando a vida ascética em comunidades no século III antes mesmo de Santo Antão criar seu mosteiro.

O mesmo se observa quanto à importância de Amma Maria na formação do primeiro cenóbio feminino no Egito, que acaba sendo eclipsada em favor de Pacômio nos textos de história da igreja. Três apotegmas de Amma Maria sobreviveram. Um deles ressalta a força do sexo feminino quando em submissão a Cristo: “No chamam de sexo frágil: isto é a coroa de nossa

humildade se o aceitamos sem murmuração e chamamos a Jesus Cristo de nossa fortaleza¹⁸.” (PEDRÓS, 2003, p.200).

Macrina, reconhecida pelo próprio irmão, Gregório de Nissa, como tendo fundado um mosteiro em sua casa, em Annesi, Turquia, que abrigava já suas servas e outras mulheres na prática do ascetismo, sob uma regra por ela instituída, é esquecida em prol da exaltação das regras monásticas escritas por São Basílio (irmão e discípulo de Macrina) e por São Bento, todas oriundas da regra primeva de Macrina (GREGÓRIO DE NISSA, Vida de Macrina, 37.4.).

O progressivo apagamento das Mães do Deserto pode estar relacionado ao fato da maior parte dos textos produzidos no período terem autoria masculina e serem voltados principalmente para o público masculino nos mosteiros. Isto também explica a tendência dos textos que tratam acerca das mães penitentes do deserto serem escritos de forma a exaltar características miraculosas e fantásticas, dando especial ênfase à vida pregressa da amma antes de sua conversão. Apesar dos diversos exemplos masculinos de arrependimento na literatura de conversão¹⁹, eram as histórias de prostitutas arrependidas as mais apreciadas. As diversas versões encontradas mostram que as histórias das mães penitentes foram preservadas na tradição oral dos monges desde o século IV passando por diversas reformulações para atender às finalidades desejadas, entre elas a noção da mulher como ser fraco e suscetível às tentações, mas também perigosa como fonte de luxúria.

Devido à narrativa fantasiosa muito presente na literatura hagiográfica, as histórias das Mães do Deserto foram por vezes tidas como relatos inventados e romantizados. É verdade que há alguns dados fantasiosos em muitas das suas histórias, mas isto deve ser compreendido como uma característica literária

¹⁸ Os apotegmas de Maria, irmã de Pacômio, são oriundos de um manuscrito anônimo do século IX examinado pela monja Sira Carrasquer Pedrós.

¹⁹ Por exemplo a conversão de Apolo, o pastor, registada no Synaxarion etíope e a conversão de um anônimo narrada por João do Egito no *Historia Monachorum*, ambos do século IV:

medieval, época em a tradição oral foi passada para o papel, o que não descaracteriza a existência real de suas personagens.

Por fim, percebe-se que os textos dos pais da igreja a partir do século III tornam-se dúbios em relação à mulher. No mesmo autor podemos encontrar textos que exaltam a mulher virgem e asceta, e textos que a relacionam diretamente ao pecado de Eva causando medo e hostilidade ao sexo feminino. Observa-se que esta tendência dos textos patrísticos acompanha a descaracterização da profecia e liderança femininas, associadas aos cristanismos classificados como hereges, sobretudo após o Concílio de Nicéia, no século IV. Esta associação influenciou também os registros relacionados à espiritualidade dos desertos como podemos perceber no texto de Atanásio sobre a Vida de Santo Antão, assaltado no deserto por demônios em forma feminina (ATANÁSIO, Vida de Santo Antão, 23)

Conclusões

115

Embora as mulheres dos séculos IV e V tenham ido aos desertos em busca de uma espiritualidade próxima ao cristianismo primitivo como uma estratégia pessoal de resistência aos novos rumos da igreja, a vida nos desertos trouxe uma nova forma de vivenciar a antiga estrutura igualitária da igreja primitiva. Nos desertos, homens e mulheres buscavam igualmente uma vida de santidade e eram igualmente procurados por discípulos e discípulas que desejavam seguir seus passos.

Mas, apesar disto, percebe-se nos registros históricos de suas vidas um claro desnível de gênero. Muitas são as prováveis causas do progressivo apagamento das Mães do Deserto da história do cristianismo: autoria masculina, público-alvo majoritariamente masculino, descrédito da veracidade das histórias, associação da mulher ao pecado e às heresias. Em alguns casos mais de uma causa pode ter agido em paralelo. O fato é que independentemente de

suas causas, uma parte da história do cristianismo foi apagada em prol da supervalorização dos atos e ensinamentos masculinos da espiritualidade dos desertos. Mas, assim como a humanidade, o cristianismo é composto por elementos dos dois gêneros e ambos têm importância na construção de sua história.

É mais que chegada a hora de resgatarmos as histórias e os ensinamentos das Mães do Deserto, há tanto relegadas ao esquecimento, que revelam preciosas experiências de vida e influência social, política e espiritual, que são parte integrante da formação do cristianismo. Sua herança permanece viva na alma de cada mulher ou homem que hoje busca um retorno à espiritualidade dos primórdios da igreja cristã.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, R.S. (2021). *Vozes femininas no início do cristianismo*, Viçosa, MG, Editora Ultimato.
- Atanásio (2014). *Vida e conduta de santo Antão*, Coleção Patrística, vol 18. (pp. 131-169), São Paulo, SP, Editora Paulus.
- Bensen, J.A. (2006). *Pais e mães do deserto – atletas de Deus*, São Paulo, SP, Mundo e Missão.
- Crisóstomo, J. *Homily 8 on Matthew*. disponível em: <https://www.newadvent.org/fathers/200108.htm>
- Duke, R. (2024, September 26) *The megiddo mosaic: a community coming together to the table*. disponível em: <https://www.museumofthebible.org/magazine/exhibitions/the-megiddo-mosaic-a-community-coming-together-to-the-table>
- Dunn, M. (2003). *The emergence of monasticism: from the desert fathers to the early middle ages*, Oxford, Blackwell Publishers.
- Earle, M.C. (2007). *The desert mothers: Spiritual practices from the women of the wilderness*, New York, Morehouse Publishers.
- Gregório de Nissa (1995). *Vida de Macrina*, Madrid, Ciudad Nueva.
- Guy, J. (1991) *Os padres do deserto*, Lisboa, Editorial Estampa.
- King, M.H. (1983). “The desert mothers: from Judith to Julian of Norwich”. *14th Century English Mystics Newsletter* 9, (1), 12–25. <http://www.jstor.org/stable/20716417>.
- King, M.H.(1985). *The desert mothers: A survey of the feminine anchoritic tradition in western Europe*. Toronto, Peregrina Publishing Co., disponível em: <https://www.hermitary.com/articles/mothers.html>
- Meyer, L. (2025). *Cristianismo no feminino – a presença da mulher na vida da igreja*, São Paulo, Editora Mundo Cristão.

- Miller, P.C. (2005). *Women in early christianity: translations from greek texts*. Washington D.C., The Catholic University of America Press.
- Olañeta, J.J. (2006). *Apotegmas de las madres del desierto*, Palma de mallorca, Los Pequeños libros de la sabiduría.
- Paladio (1991). *El mundo de los padres del desierto – La Historia Lausiaca*, Sevilla, Editorial Apostolado Mariano.
- Payne, R. (1980). *The Fathers of the Eastern Church*. New York, Dorset Publishing.
- Pedros, S.C.(2003). *Madres Orientales (ss.I-VII) – matrologia I*, Burgos, Monte Carmelo.
- Petersen, J.M. (1996). *Handmaids of the Lord: contemporary descriptions of feminine asceticism in the first six christian centuries*. Collegeville, Cistercian Publications.
- Schaff, P. (s.d.). “The seven ecumenical councils. Select library of the nicene and post-nicene fathers of the christian church”, vol 14. *Christian Classics Ethereal Library*.
- Swan, L. (2001). *The forgotten desert mothers: sayings, lives, and stories of early christian women*, Mahwah, NJ, Paulist Press.
- Teodoreto de Ciro (2008). *Historia de los monjes de Siria*, Madrid, Editorial Trotta.
- Ward, B. (1975). *The sayings of the desert fathers: the alphabetical collection*. Rhode Island, Mowbray.
- Ward, B. (1984). *The sayings of the desert fathers: the alphabetical collection*. Collegeville, MN, Cistercian Publications.
- Ward, B: (1987). *Harlots of the desert – a study of repentance in early monastic sources*. Collegeville, MN, Cisticercian Publications.